

EDUCADOR
ISSN 1984-8668
Ano XXVII – Nº 107



Editorial

EDUCADOR é uma revista destinada a educadores religiosos, professores de EBD, estudantes e líderes em geral

Copyright @ Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.) a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36
Registro N° 020830 no INPI

Endereços

Telegráfico – BATISTAS
Caixa Postal: 13333
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20270-972

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenadora Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida
(RP/16897)

Redatora

Jane Esther Monteiro de Souza
de Paula Rosa

Conselho Consultivo

Rosane Andrade Torquato – PR
Madalena de Oliveira Molochenco – SP
Pedro Jorge de Souza Faria – RJ
Ivone Boechat de Oliveira – RJ

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16 – Sala 2
1º Andar – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
literatura@convicaoeditora.com.br

Colaboradores desta edição

Aline Brum Maia Queiroz da Silva – RJ
Diná Freire Cutrim – MA
Jefferson Carnon Dantas – MA
Paulo Henrique Teixeira da Silva – BA
Kátia Silva Cunha – PE
Mariana da Silva Basílio – RJ
Oswaldo Luiz Gomes Jacob – RJ
Simone de Matos Ramos Alves – RJ
Ycléa Cervino – PE

ENSINANDO O REINO DE DEUS

O tema deste ano da CBB é: “Ensinando a mensagem do reino de Deus” e a divisa: “Pregando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum” (At 28.31).

Neste último capítulo do livro de Atos dos Apóstolos, percebemos que a mensagem do reino de Deus é inseparável da mensagem sobre Jesus Cristo. O livro termina com este comentário sobre o trabalho de Paulo durante sua prisão em Roma. Quando ele usa o termo “Senhor Jesus Cristo”, enfatiza três aspectos importantes do trabalho do Filho de Deus. Jesus é um nome que significa Salvador. Cristo vem da palavra Messias, que significa Ungido. Senhor identifica sua posição de autoridade absoluta, pois ele é o Rei do reino celestial.

Receber o reino de Deus significa a submissão total a Jesus Cristo. Como ele mesmo disse: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28.18-20). Jesus nos convida a participar do seu reino eterno como cidadãos sujeitos ao Rei.

O pr. Oswaldo Luiz Gomes Jacob, no artigo “**A geração de cabeça baixa**”, fala que o ser humano está se tornando robotizado, insensível, péssimo em relacionamentos de proximidade física.

A profª Mariana da Silva Basílio, em seu artigo “**O que a igreja pode fazer pelas crianças das comunidades desfavorecidas?**”, afirma que uma igreja relevante é aquela que pensa e repensa suas práticas no contexto em que está inserida, resignificando-as e objetivando melhoria para a comunidade de fé e para o meio social.

No artigo “**A prática docente com pessoas com deficiência no contexto eclesial**”, o prof. Vagner Ferreira da Silva afirma que ter a informação acerca dos interesses pessoais do aluno possibilitará iniciar a aprendizagem a partir daquilo que o aluno com deficiência tem afinidade.

Nos demais artigos, refletiremos sobre a Bíblia, a Palavra de Deus, além das Sugestões de Livros, do Educador em Destaque, Vale a Pena LER de Novo e, de muitas novidades e informações que, por certo, serão bênçãos para todos nós.

ÍNDICE

1	Expediente e editorial Ensinando o reino de Deus <i>Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa – RJ</i>
2	Índice
3	Resenha O coração e a mente de um líder <i>Paulo Henrique Teixeira da Silva – BA</i>
4	Educação geral O desafio de promover a aprendizagem e a avaliação significativa <i>Kátia Silva Cunha – PE</i>
7	Educação teológica A geração de cabeça baixa <i>Oswaldo Luiz Gomes Jacob – RJ</i>
9	Educação teológica Riquezas espirituais X Riquezas materiais <i>Simone de Matos Ramos Alves – RJ</i>
11	Educação cristã O que a igreja pode fazer pelas crianças das comunidades desfavorecidas? <i>Mariana da Silva Basílio – RJ</i>
15	Educação cristã A prática docente com pessoas com deficiência no contexto eclesial <i>Vagner Ferreira da Silva – PA</i>
18	Educação cristã A psicopedagogia na educação cristã <i>Aline Brum Maia Queiroz da Silva – RJ</i>
20	Educação cristã EBD e as gerações integradas no contexto da igreja local <i>Dinã Freire Cutrim – MA</i>
21	Educador em Destaque <i>Mariana da Silva Basílio – RJ</i>
22	Da Mesa da Redação
23	Para Pensar Como pode o idoso viver o reino de Deus? <i>Edna Maria Peixoto Santos – BA</i>
24	Vale a pena LER de novo Jogos eletrônicos – seus perigos e propriedades pedagógicas <i>Jefferson Carnon Dantas – MA</i>
31	Sugestão de Livros 1. Título: Esboço de Teologia Sistemática. Autor: A.B. Langston 2. Título: A dinâmica da igreja autêntica segundo o Novo Testamento Autor: <i>Lourenço Stelio Rega</i> 3. Título: Chuva de ideias para o ministério infantil. Autor: Cláudio Silveira
32	Última Palavra Ensinando a mensagem do reino de Deus <i>Ycléa Cervino – PE</i>



Educação Geral



Educação Teológica



Educação Cristã



Para pensar



Vale a pena LER de novo

O coração e a mente de um líder



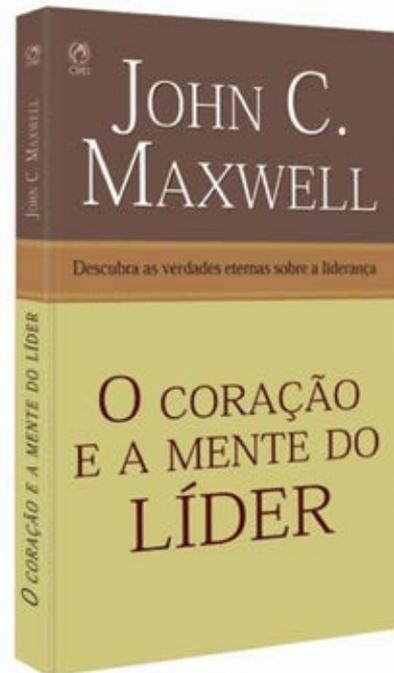
John Calvin Maxwell

Este é o sexto livro que leio do John Calvin Maxwell. Ele é um autor cristão evangélico, conferencista e pastor que escreveu mais de 60 livros, centrado principalmente em liderança, incluindo “As 21 irrefutáveis leis da liderança” e “As 21 indispensáveis qualidades de um líder”.

Neste Livro, o autor nos traz temas bastante interessantes tais como liderança, paciência, persistência e atitude correta mediante as dificuldades. Ler um livro do John é como estar sentado em um divã ouvindo-o compartilhar suas experiências conosco.

RESUMO

A capacidade de um líder de realizar algo extraordinário para Deus começa em seu coração e em sua mente. Neste livro, o autor, especialista em liderança, compartilha meditações que, com certeza, desafiam-nos a alcançar nosso total potencial como servos de Deus. Mais que um desafio em realizar feitos excepcionais, um desafio de transformação do seu coração e renovação da sua mente.



O autor nos traz um rico material abordando o assunto da liderança, porém, sempre usando uma perspectiva bíblica. Acho essa atitude sensacional, pois muitos autores cristãos atualmente escrevem livros classificados como “inspiração” sem sequer citar as Escrituras. John não faz isso. Ele deixa claro em todos os seus livros que faz questão de compartilhar a sua fé com seus leitores, pois entende que ela deve ser compartilhada com o mundo inteiro. Portanto, além de termos em mãos um ótimo guia de liderança empresarial, familiar e pessoal, temos também um guia espiritual para as nossas dificuldades do dia a dia. Uma união perfeita.

Falando mais especificamente do conteúdo do livro, o autor aborda temas complexos de forma simples e

objetiva por meio de capítulos curtos e diretos. Temas como paciência com os mais lentos, persistência nas adversidades e amor ao próximo permeiam o livro por meio de uma escrita agradável e suave.

CONCLUSÃO

Devemos testemunhar de Cristo para todas as pessoas que conhecemos. Se elas não aceitarem Cristo, isso já não nos compete. Nosso trabalho é compartilhar a nossa fé. O restante da obra fica a cargo do Espírito Santo de Deus. A lei da persistência serve também para a vida espiritual.

Paulo Henrique Teixeira da Silva

Membro da Igreja Batista Filadélfia, BA.
Professor na EBD dos jovens.
Bacharel em Teologia. Licenciatura em Letras e Psicologia. Pós-graduado em Psicanálise Clínica e Missiologia.



O desafio de promover a aprendizagem e a avaliação significativa

Os processos do ensino e da aprendizagem parecem continuar desafiando professores, os desafios se tornam maiores se adicionarmos as práticas avaliativas. Professores lidam com alunos em situação de aprendizagem há muito tempo e mesmo assim se sentem impotentes, muitas vezes, diante das dificuldades que eles apresentam e no desenvolvimento de estratégias que envolvam tanto a avaliação das aprendizagens como o desenvolvimento de estratégias que consigam interferir nas situações de erro, a fim de que se encaminhem para o desenvolvimento da apreensão dos conteúdos.

Na compreensão de alguns docentes, refletir sobre a avaliação é perda de tempo, pois afirmam que mudar a prática é o que eles precisam

fazer. Mas, como mudamos nossa prática? Em que sentido os professores concordam em efetivar mudanças na sua prática? O que fazem professores mudar suas formas de ensinar? O ato de implementar ou experimentar uma nova metodologia torna-se indicador de mudança nas práticas?

Mas será que de fato são as práticas que precisam mudar ou estamos nos referindo às concepções que temos de ensino e aprendizagem?

ESTAMOS NO CAMPO DAS CONCEPÇÕES

A mudança na forma de fazer as coisas, sem a mudança da concepção sobre o fazer não muda a prática, pois estamos apenas aplicando metodologias novas, testando para ver se dá certo uma didática, ou aplicando

outra “novidade”, mas a forma como entendemos que os alunos aprendem e como deve ser processado o ensino não muda se não mudamos as concepções que ancoram as nossas práticas, dizendo de outra forma: são as nossas ações de acompanhamento da aprendizagem, de acompanhamento dos erros e dos alunos.

Mesmo que não tenhamos clareza, nossas práticas, muitas vezes, se ancoram ainda em concepções que valorizam a exclusão e a classificação, por exemplo, muitos de nós acreditamos que existem alunos que são muito bons porque se esforçam muito, prestam atenção, são organizados, disciplinados e fazem as atividades com zelo, logo, naturalmente, se espera que sejam bons, mas de outro lado, há aqueles que, de acordo com

a nossa compreensão, não se esforçam, não demonstram interesse, não fazem as atividades, não têm como ser bons alunos. Mas será que é assim mesmo?

Precisamos entender que essa concepção sobre os alunos interfere na forma como nós trabalhamos o processo de ensino e de aprendizagem e interfere também na forma como nós vemos as possibilidades dos alunos, e como nós encaramos os erros e os acertos, isto é, na forma como nós escolhemos determinadas atividades ou não.

Veja que muitos de nós justificamos que os alunos são bons de uma forma naturalizada. Por exemplo, dizemos: “é normal que ele tirasse boa nota, ele faz todas as atividades, presta atenção”, entretanto, gostaria de enfatizar que não basta uma nova formulação teórica para que as mudanças aconteçam. Para que a mudança aconteça devemos levar em conta as questões como opções, valores, desejos e condições de trabalho.

Gostaria de lembrar que, muitas vezes, nós queremos mudar, mas não temos condições. Não basta querer mudar, toda a transformação exige uma mediação teórica. Essa mediação teórica é feita a partir da reflexão sobre a nossa prática, sobre o que fazemos e isso envolve valores, visões de mundo a partir da relação entre cognição e afetividade, mas gostaria de afirmar que o processo de mudança é possível e necessário.

A AULA

Geralmente, as nossas práticas nos encaminham para o modelo básico de aula, como afirma Meurieu (1998, p. 54: “identifica-se primeiro, compreende-se, em seguida fazem-se os exercícios”, mas qual o problema desse modelo?

Ignora, sobretudo, que uma simples identificação perceptiva não é

condição de aprendizagem. Uma informação só é identificada se já estiver de certa forma assimilada em um projeto integrado, dizendo de outra forma “aprendizagem são criações de sentido” (idem).

O autor apresenta um exemplo: digamos que em uma aula de história precisaremos trabalhar com o conceito de colonização. O professor poderá selecionar relatos, testemunhos e análises. Em seguida, o professor pode propor um trabalho que permita que o aluno trate dos materiais trazidos (relatos, análises, testemunhos), tornando possível por aproximações e verificações a emergência do conceito. De acordo com a ideia trazida pelo autor não basta o aluno estar atento, antes, precisa ser atuante.

Quando o aluno é atuante, não recebe simplesmente as informações e as guarda para o momento da prova e depois da prova as descarta, antes, o que ocorre é um trabalho efetuado pelo aluno, não simplesmente de reter informações, mas de trabalhar com as representações que possui transformando-as, elaborando-as.

Afirma ainda o autor:

Não se tem, portanto, nenhuma chance de fazer com que o sujeito progrida se não a partir de suas representações, se elas não emergirem, se não forem trabalhadas (...). Um sujeito não passa assim da ignorância ao saber, ele vai assim de uma representação a outra mais elaborada, que dispõe de um poder explicativo maior e que lhe permite elaborar um projeto mais ambicioso (MEURIEU, 1998, p. 58).

Assim, me parece, então, que o autor está querendo dizer que o sujeito não passado não saber para o saber, antes ele vai trabalhando com representações, ou seja, ele sai de uma representação para outra representação, porque a segunda tem um poder explicativo maior. Nesse caso, não basta dizer nem mostrar que o

O NOSSO MÉTODO DE ENSINAR PRIORIZA UM SUJEITO QUE PRECISA OUVIR, SÓ QUE PARA QUE NÓS POSSAMOS FALAR, NÓS ELABORAMOS UMA FORMA DE DIZER E, ESSA FORMA ELABORADA NOS AJUDA A EXPOR RACIONALMENTE AQUILO QUE NÓS CONSTRUÍMOS ENQUANTO SABER, MAS SERÁ QUE QUANDO OUVIMOS ESSA FORMA RACIONAL PROCESSAMOS DA MESMA FORMA QUE ESTÁ SENDO FALADO?

aluno está errado, faz-se necessário colocá-lo em situação de experimentar, pessoalmente, confrontando com materiais que não podem ser respondidos com a representação anterior.

Outra coisa parece romper também com a ideia que nós temos de que, para que o aluno aprenda, nós temos que partir do mais simples para o mais complexo. Esta forma de pensamento herdeira do método cartesiano me parece que descreve mais uma lógica de exposição do que uma lógica de aprendizagem.

O nosso método de ensinar prioriza um sujeito que precisa ouvir, só que, para que nós possamos falar, nós elaboramos uma forma de dizer e, essa forma elaborada nos ajuda a expor racionalmente aquilo que nós construímos enquanto saber, mas será que quando ouvimos essa forma racional processamos da mesma forma que está sendo falado?

Como afirma Meurieu (idem, p. 62), “o que ouço é sempre um pouco irracional, porque isso deve entrar em interação comigo e com o que já sei, mas só me faz avançar se desorganizar minha racionalidade”. Por isso, o “mais simples para o professor pode não ser para o aluno. A aprendizagem



“é construída pelo sujeito, de maneira que, muitas vezes, inesperada, está no fim e não no início do processo”.

À GUIA DE UMA CONCLUSÃO

Os questionamentos provocados por Meurieu nos colocam no campo do ensino e da aprendizagem e da avaliação da aprendizagem, afinal, avaliar os processos de aprendizagem implica avaliar os processos em que o ensino se coloca.

Pensar a avaliação como componente do trabalho pedagógico em uma perspectiva de construção e valorização do percurso percorrido para se chegar aos fins específicos de aprendizagem requer concepções e práticas direcionados para este fim e, pensar nessas práticas, exige de todos os envolvidos mudanças na forma da ação de planejar, desenvolver e ava-

liar as atividades cotidianas para uma efetiva intervenção em sala de aula.

Convém lembrar ainda que as compreensões e concepções que temos sobre a função que era atribuída inicialmente à escola exerceu forte influência também nas formas de conceber a avaliação, uma vez que o principal objetivo da escola sempre se apresentou como ensinar as crianças o que se reconhece como certo e, para saber se aprenderam, exigia-se que regurgitassem os fatos trabalhados em exames que eram em essência testes de memória – uma prática ainda muito valorizada nos dias atuais.

Nesse sentido, ainda perguntamos: se a escola e para ensinar por que a preocupação com avaliação gira em torno de notas? Que tipo de avaliação mais se pratica na escola atualmente? O que existe em minha

prática docente que me desafia a mudar?

Essas e outras questões precisam continuar nos incomodando e desafiando, se queremos atingir processos cada vez mais significativos junto aos alunos.

REFERÊNCIAS

MEURIEU, Philippe. *Aprender sim, mas como?* Porto Alegre. Artes Médicas, 1998.

Kátia Silva Cunha

Doutora em Educação, mestre em Educação, pedagoga, professora adjunta da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea (PPGEDUC) e do Programa de Pós-graduação em Educação, Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM). Professora do Núcleo de Formação Docente no Centro Acadêmico do Agreste/UFPE.



A geração de cabeça baixa

Dados da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) indicam que o Brasil terminou junho de 2018 com 235,1 milhões de celulares e densidade de 112,44 celulares por 100 habitantes. É alarmante o número de pessoas de cabeça baixa usando celulares nas calçadas, nas ruas, encostadas nas paredes e esquinas da vida, nos pontos de ônibus, nas salas de aula, nos hospitais, nas prisões, atravessando faixa de pedestres, no carro, ônibus, trens. Há subserviência em relação à tecnologia, à mídia e a toda forma de massificação nesta sociedade pós-moderna. Com tantas formas de comunicação, nós estamos

nos comunicando pessimamente. Os aparelhos têm sido mediadores nos diálogos. Eles estão tomando mais o nosso tempo e nos escravizando. O ser humano está se tornando robotizado, insensível, péssimo em relacionamentos de proximidade física. Esta é palavra de alerta para aqueles que ficam *on-line* como estilo de vida. Nossas crianças, já muito cedo, estão recebendo celulares de presente. Onde vamos parar?

O SER HUMANO ESTÁ SE TORNANDO ROBOTIZADO, INSENSÍVEL, PÉSSIMO EM RELACIONAMENTOS DE PROXIMIDADE FÍSICA

É UMA GERAÇÃO DE PESSOAS DESCONECTADAS DO SOFRIMENTO ALHEIO

Essas pessoas interagem com as máquinas e não com o próximo *tête à tête*. É uma geração, com raras exceções, de gente dispersa e alienada. Há, porém, os que reconhecem a sua condição humana fraca, limitada, defeituosa, sendo consciente da grandeza de Deus. A geração de pessoas com cabeça baixa diante do celular está desaprendendo a lidar com gente, com o próximo, com as suas necessidades mais básicas. Jesus nos chama à humildade, prudência, simplicidade e solidariedade. A ge-

A GERAÇÃO DE PESSOAS COM CABEÇA BAIXA DIANTE DO CELULAR ESTÁ DESAPRENDENDO A LIDAR COM GENTE, COM O PRÓXIMO, COM AS SUAS NECESSIDADES MAIS BÁSICAS

ração de cabeça baixa está voltada para si mesma e com uma forte prática consumista. Uma geração fútil e desconectada do sofrimento alheio. Em alguns casos, esses aparelhos, essa via de acesso, têm criado monstros, produzido pessoas insensíveis.

É UMA GERAÇÃO DE PESSOAS ENVERGONHADAS

Sim, envergonhadas com o seu pecado, seus desacertos; com a sua condição de vazio, futilidade e alienação. Envergonhadas com um investimento tão caro muitas vezes. Endividam-se para ostentar aparelhos sofisticados. Essa geração de cabeça inclinada para a tela do celular de forma doentia não se envergonha com a pobreza, a miséria e o desespero de tanta gente neste país. Precisamos nos envergonhar e nos indignar com a corrupção, injustiça, hipocrisia, frieza, egoísmo, omissão, pornografia, pedofilia, com as drogas, com o tráfico de mulheres, com a saúde precaríssima, com governos corruptos e incompetentes, que gastam mais do que arrecadam etc.

É A GERAÇÃO NÃO DA TECNOLOGIA COMO SERVA, MAS DA TECNOLOGIA QUE ESCRAVIZA, QUE SE TORNA SENHORA, DOMINANTE

Essa geração está voltada para os aparelhos sofisticados, para tocar as imagens e não o próximo. Inclinada para a comunicação, mas que, na verdade, não se comunica. Que valoriza a informação pela informação. Uma geração que está adquirindo proble-



mas físicos sérios de coluna, postura e visão (funcional, das necessidades e estratégica ou longo alcance), pois cada atitude tem uma consequência.

A GERAÇÃO DE CABEÇA BAIXA NOS DESAFIA

A nossa resposta a essa geração deve ser: orar mais, meditar mais nas Escrituras, fazer amizades sinceras e agir com amor e solidariedade (At 10.38). Devemos evangelizar muito mais, aproveitando muito bem cada oportunidade. Criar na igreja muito mais comunhão por meio dos pequenos grupos, a desenvolver projetos de alcance dos que estão viciados dos aparelhos. Promover celebrações, mais comunhão entre as pessoas. Há muitos que estão doentes, que são viciados nos aparelhos e suas informações, jogos etc. Precisamos desenvolver um programa eficiente de aconselhamento bíblico. Promover mais diálogo, orientar o uso equilibrado desse aparelho que não deixa de ter o seu valor e ser muito útil.

A NOSSA RESPOSTA A ESSA GERAÇÃO DEVE SER: ORAR MAIS, MEDITAR MAIS NAS ESCRITURAS, FAZER AMIZADES SINCERAS E AGIR COM AMOR E SOLIDARIEDADE

Diante do exposto, que tipo de cristão sou? Que baixa a cabeça em todo o tempo para os celulares ou dá prioridade às Escrituras, conversar com o próximo, com familiares, ler um bom livro sobre a fé e outros assuntos edificantes? O nosso grande desafio é andar na contramão de tudo o que está aí. Não podemos nos conformar com o mundo (Rm 12.1,2).

Sejamos a geração de cabeça baixa diante do senhorio de Cristo; diante das Escrituras, diante da majestade de Deus, sua santidade; sua soberania. Reconheçamos os nossos pecados e nos arrependamos, confessando e orando como Davi no Salmo 51.10: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro em mim um espírito inabalável”. Que a cabeça baixa seja um estilo de vida de oração com os olhos fechados diante de Deus e não um estilo de vida com os olhos abertos diante de uma tela de celular.

Oswaldo Luiz Gomes Jacob

Pastor da Segunda Igreja Batista em Barra Mansa, RJ. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Convalidação do curso teológico pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestrado em Missiologia pelo Southeastern Baptist Theological Seminary, USA. Foi missionário na África do Sul pela Junta de Missões Mundiais da CBB. É professor no Seminário Teológico Batista Sul Fluminense. Volta Redonda. RJ.